

uauá maré

As pinturas recentes de Ricardo Bezerra encontram-se aqui expostas em diálogo: como nos indica o título, são pinturas que se referem a dois diferentes tipos de motivos, Ua Uá e Marés que, embora ambos naturais e ligados a ideia de paisagem marinha - seja a memória da infância e da adolescência do artista na Praia das Cigarras, no Litoral Norte de São Paulo, seja sua moradia atual, a Bahia - revelam modos distintos de se falar sobre as paisagens e sobre a memória.

Uma vez que a pintura, e mais assumidamente a pintura moderna, lida sobretudo da própria pintura, ostentando os rastros e indícios de seu fazer, as pinturas aqui expostas falam, de algum modo, de um antigo dilema do pintor: o que pintar? A escolha de Ricardo Bezerra recaiu sobre a paisagem, um gênero ligado a ideia de autonomia da pintura, pela recusa da narrativa e devotada à mera contemplação desinteressada.

Mas não se trata de mimetizar a aparência das formas naturais: não temos aqui um congelamento fotográfico do tempo, mas durações. Para criar suas pinturas Ricar

do Bezerra reduz as formas naturais a elementos constantes que se organizam como esquemas de paisagens. Há memórias de praia, mas não há histórias e, sim, modos de representação do mar, o objeto privilegiado nesta série: sedutor, superfície simultaneamente plana e inquietante.

Para dar forma ao jogo rítmico das ondas e marés em seu movimento contínuo, Bezerra recorre a signos de ondas e de fluxos já plasmados pela arte oriental e pela gravura. As marés se tornam linhas e os vagalumes se tornam pontos. Diferentemente de pinturas anteriores, povoadas por animais como caranguejos e gatos, temos aqui cenas sem sujeitos. As formas particulares foram abolidas para dar lugar a quase texturas, campos monocromáticos compostos pela repetição dos elementos não miméticos que estruturam a imagem em padrões all over gerados pela repetição de certas articulações em pinturas despojadas, quase lavadas de todo excesso de matéria. Nestes fragmentos de mundo, nas impressões produzidas pela cor e pelos lugares, cada pintura produz o seu próprio lugar, sua cor e seu sentido.

Rosa Gabriela